Newsletter

- Últimas notícias
- Política
- Economia e Trabalho
- Brasilidade e Cultura
- Ciência
- Sustentabilidade
- Socialismo
- Internacional

- Clube de Leitura
- Revista Princípios
- Institucional
- Colunistas
- Grupos de Pesquisa
- Dossiês
- Centro de Documentação e Memória
- Cebrac

Leia a última edição

- Últimas notícias
- Política
- Economia e Trabalho
- Brasilidade e Cultura
- Ciência
- Sustentabilidade
- Socialismo
- Internacional

Acesse

- Clube de Leitura
- Revista Princípios
- Institucional
- Colunistas
- Grupos de Pesquisa
- Dossiês
- Centro de Documentação e Memória
- Cebrac

Leia a última edição

Agricultura

Nunca precisamos tanto do trigo dos hermanos

Brasil reúne condições para produzir muito mais e reduzir sua vulnerabilidade externa. Para o autor, o entrave não está no campo nem na pesquisa, mas nas escolhas econômicas que limitam a expansão da cultura e comprometem a soberania alimentar

POR: Evaristo de Miranda

· 3 de agosto de 2026 ·

9 min de leitura

Lavoura de trigo na Argentina. Foto: Reprodução/INTA Informa – Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária da Argentina.

Subdesenvolvimento não se improvisa.
É obra de séculos.
(Nelson Rodrigues)

Nunca o Brasil dependeu tanto do trigo argentino. A quebra da safra nacional obrigará o país a importar entre oito e dez milhões de toneladas em 2026, o maior volume de sua história. Este ano, o cenário do trigo é de alta nos custos de produção, redução da área plantada, recuperação dos preços internos e importação recorde da Argentina.

A maior produção anual de trigo do Brasil foi de 9,5 milhões de toneladas, em 2022. Esse volume representou cerca de 76% da demanda interna daquele período, impulsionada por investimentos em tecnologia e aumento da área plantada no Sul. Este ano, a estimativa da produção nacional está em torno de 6,5 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento. É o menor patamar desde 2020.

A principal razão dessa quebra na safra brasileira de trigo em 2026 está na retração na área cultivada para 2,12 milhões de hectares. Uma queda de 13% frente a 2025. Os produtores não estão desistindo do trigo por falta de tecnologia. Sem seguro rural adequado, sem acesso ao crédito com juros estratosféricos, sem segurança jurídica, não há contexto econômico e financeiro favorável aos investimentos no cultivo do trigo. Sobretudo no sofrido mundo rural do Rio Grande do Sul. Ao contrário da soja e do milho, cuja produção segue uma tendência de crescimento constante, o trigo parece caminhar na contramão.

O consumo anual de trigo gira em torno de 12 a 13 milhões de toneladas. Além disso, o Brasil exporta em média de 2 a 3 milhões de toneladas de trigo por ano. Embora não seja autossuficiente e importe o cereal para cobrir seu consumo interno, o país mantém um fluxo regular de vendas externas por questões de logística, qualidade de grãos e oportunidades de mercado global. O trigo exportado pelo Brasil abastece países da América Latina, África e Ásia.

O Brasil exporta parte da sua produção, geralmente logo após a colheita no Sul, para abrir espaço nos armazéns. E importa trigo ao longo do ano, sobretudo da Argentina, para abastecer os moinhos do Sudeste e Nordeste. É assim também com o arroz, a maçã, a carne bovina etc. O país exporta e importa. Há uma grande racionalidade econômica e até social nesse intercâmbio, facilitado no âmbito do Mercosul.

O volume de importações previsto este ano representa um recorde histórico e consolida a dependência brasileira do trigo argentino para garantir "o pão nosso de cada dia" e a segurança alimentar dos brasileiros.

O Brasil é o sétimo importador mundial de trigo. A Argentina seguirá como principal fornecedora para o Brasil devido à sua elevada produção, à proximidade logística e às vantagens tributárias do Mercosul. O país vizinho possui uma oferta exportável de 15,5 milhões de toneladas, superior a toda a demanda brasileira de trigo. Imagine uma ruptura política ou comercial, com a Argentina decidindo não vender mais trigo ao Brasil?

O trigo integra o poderoso complexo agroexportador argentino, ao lado da soja e do milho, responsável pela maior parcela das exportações do país. Um pouco como no Brasil, os produtos agrícolas e alimentares, incluindo leite e carne, representam mais da metade das exportações totais da Argentina. Eles superam com ampla margem os combustíveis minerais e o petróleo (cerca de 9,5% do total exportado).

Os preços internacionais do trigo subiram, acompanhando a valorização dos contratos futuros na Bolsa de Chicago, registrando saltos de cerca de 20%, devido a problemas logísticos globais. Ataques na região do Mar Negro comprometeram o escoamento de grãos da Rússia e da Ucrânia, e elevaram custos de frete marítimo e seguros. O conflito no Oriente Médio gerou volatilidade nas cotações de commodities, encareceu os custos de energia e insumos agrícolas e pressionou a cadeia de produção e transporte do trigo. Seca e problemas de produtividade nas lavouras dos EUA e da Europa reduziram a expectativa de oferta de trigo do Hemisfério Norte.

> ***+ Outras análises***
> *A guerra chegou na agricultura brasileira, por Evaristo de Miranda*
> *Guerra no Irã, petróleo e crise energética: choque de preços no mercado global, Luís Eduardo Duque Dutra*

Me[illegible] pelear con los hermanos. O pão nosso de cada dia agradece. Quando falta trigo, falta pão. E não só. A farinha de trigo é a base de macarrão, bolachas, bolos, pizzas, pastéis, pudins, bolinhos… Os desafios do "pão nosso" com a Argentina não param aí. Os moinhos brasileiros enfrentam um dilema técnico. A última

safra argentina apresentou baixo teor de proteína. Isso limita seu uso na panificação tradicional e exige a mistura com trigos de outras origens ou corretivos.

Não há risco de desabastecimento no Brasil. A forte necessidade de importação, aliada a preços internacionais firmes, tende a encarecer a farinha e os derivados no mercado interno ao longo do ano. Isso manterá uma pressão inflacionária sobre os preços no varejo.

Ao contrário do "alarmismo climático" em parte da mídia sobre o *El Niño*, o clima se manteve bastante estável no Sudeste e em parte do Sul. Neste início de agosto, o plantio nacional está praticamente concluído, com a maior parte das lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo satisfatório. O tempo firme predominou no Centro-Sul e impulsionou boas condições para os tratos culturais. A boa disponibilidade de umidade inicial, quase típica em anos de *El Niño*, ajudou na sanidade das lavouras e evitou perdas precoces em grande parte das regiões produtoras.

O Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, completou a semeadura e o desenvolvimento vegetativo foi parcialmente freado por excesso de chuvas. No Paraná, o predomínio de tempo firme garantiu a conclusão adequada do plantio e boas condições gerais às lavouras. Em Santa Catarina, a semeadura avança na reta final com auxílio de um clima favorável para as operações de campo. Em São Paulo, o clima também ajudou a manter condições bastante favoráveis, com umidade adequada no solo e ausência de registros severos de geadas na reta final de enchimento de grãos.

Os custos de produção seguem pressionados. Fertilizantes, sobretudo ureia, defensivos agrícolas e custos logísticos continuam elevados. Fatores geopolíticos globais, não a tecnologia, limitam o lucro dos produtores.

Os preços de mercado estão em alta. A menor oferta nacional da safra velha sustenta as cotações em patamares firmes. Para os analistas do mercado de trigo, os preços na colheita da nova safra devem oscilar entre R$ 1.350 e R$ 1.500 por tonelada. Apenas produtores eficientes e focados em grãos de alta qualidade conseguirão as melhores remunerações.

A produtividade média estimada para este ano é de 2.978 kg/ha. Esse é um valor dentro dos patamares médios dos últimos anos. A produtividade do trigo aumenta constantemente. Na década de 1990, a média era de 1,5 t/ha. Na de 2000, chegou a 2,5 t/ha, quase 70% a mais. Hoje, as melhores lavouras já superam 5 t/ha nas regiões produtoras. No Cerrado, sob irrigação, com variedades da Embrapa, como a BRS 264, produtores atingem mais de 9 t/ha, verdadeiro recorde mundial de produtividade.

Experimentos da Embrapa Trigo e parceiros comprovam o potencial do trigo tropical de sequeiro em Roraima, Piauí, Maranhão, Alagoas e Ceará. Algo inimaginável tempos atrás. É a demonstração da capacidade científica de adaptar o trigo às condições tropicais, como ocorreu com a soja e suas variedades adaptadas até o clima equatorial. O trigo avança, graças às melhores tecnologias de produção, ao empreendedorismo e à competência dos agricultores. Faltam políticas adequadas, condições econômicas favoráveis e um mínimo de segurança financeira para ampliar os plantios.

O agronegócio é a principal âncora da balança comercial da Argentina, como é no Brasil. A segurança e a soberania alimentar em trigo estão ao alcance dos tratores e das mãos dos produtores brasileiros. A Embrapa estima possível produzir até 22 milhões de toneladas/ano de trigo no Brasil. Isso triplicaria a produção atual e tornaria o país um dos dez maiores exportadores de trigo. O país deveria adotar novas políticas macroeconômicas e agrícolas, menos agrofóbicas, além dos mecanismos financeiros necessários para expandir a produção tritícola nacional. O Brasil precisa de mais trigo. Mais pão. Menos bolsas e circos.

A conhecida expressão "pão e circo" (*panem et circenses*) foi usada pelo poeta satírico romano Juvenal (*Decimus Iunius Iuvenalis)* para denunciar a distribuição de pão e a organização de jogos pelos imperadores romanos para desviar a atenção dos cidadãos de outras preocupações importantes. No circo político atual do Brasil, o pão das bolsas, do assistencialismo e do clientelismo tem sido usado para desviar a atenção dos legítimos problemas e de suas verdadeiras soluções.

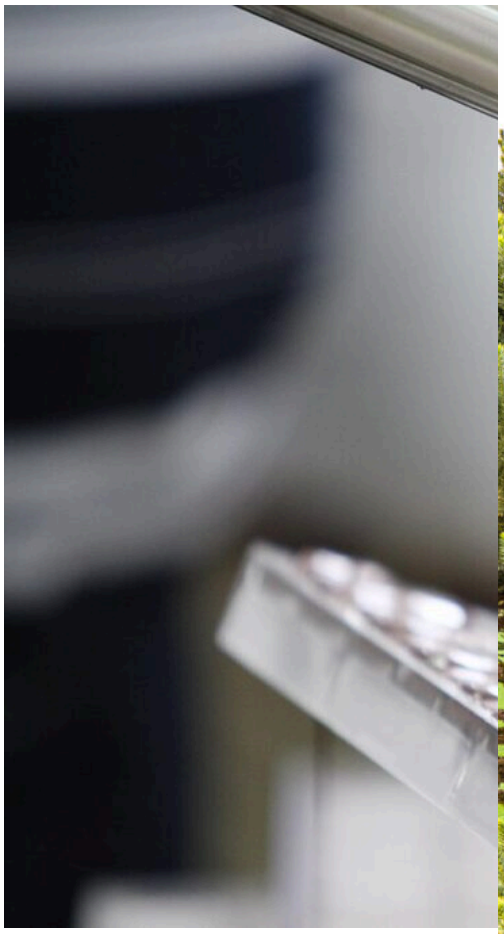
Somos *hermanos* e companheiros no sentido original da palavra: aqueles com quem se reparte o pão (*cum panis*). O Brasil não depende do trigo da Argentina por incapacidade agronômica ou dos produtores. Depende de escolhas econômicas, institucionais e das políticas governamentais. Em tempos de retórica eleitoral, convém lembrar: a segurança alimentar não se improvisa. Produz-se com ciência, tecnologia, agricultores e políticas públicas consistentes. O restante pertence ao circo. E o subdesenvolvimento continua sua obra de séculos.

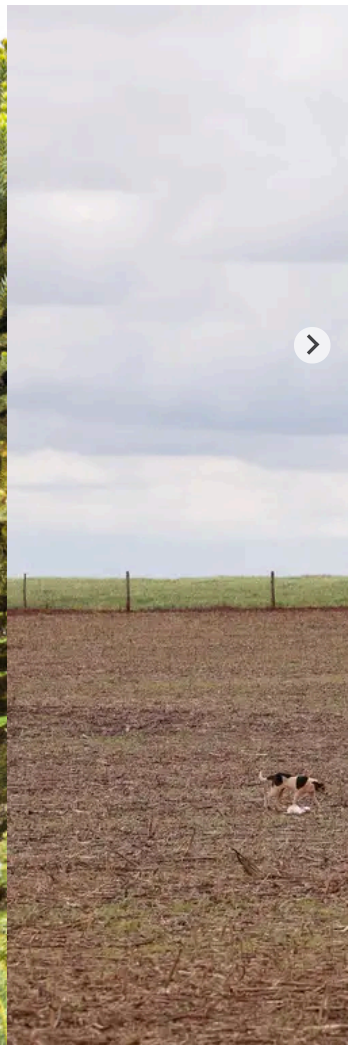
Evaristo de Miranda é agrônomo, com mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier. Com mais de 1.400 publicações no Brasil e exterior, é autor de 56 livros, como *Tons de Verde – A Sustentabilidade da Agricultura Brasileira* (em português, inglês, árabe e mandarim). Pesquisador da Embrapa de 1980 a 2023, coordenou mais de 40 projetos e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Membro da Academia Nacional de Agricultura, foi eleito Agrônomo do Ano em 2021. Sua produção científica e artigos estão disponíveis no site evaristodemiranda.com.br.

**Este é um artigo de opinião. As ideias expressas pelo autor não necessariamente refletem a linha editorial da Fundação Maurício Grabois.*

Tags
Agricultura Argentina Brasil-Argentina Colunistas Embrapa produção agrícola trigo

Notícias Relacionadas





Da água amarga à Lei do Chocolate: como Brasil busca proteger qualidade e produção

A trajetória do cacau indica como decisões agrícolas, sanitárias e econômicas transformaram um alimento milenar. Texto também explica as novas regras para a fabricação do chocolate no Brasil

Araucária: a ciência vence o paradoxo ambiental

O Dia Nacional da Araucária, celebrado em 24 de junho, é um convite a repensar a relação entre conservação e desenvolvimento. Com a produção de pinhão viabilizada por novas técnicas, a espécie pode voltar a ocupar espaço nas paisagens e na economia rural

Território brasileiro como projeto nacional de desenvolvimento

Trata-se de uma mudança de perspectiva. Em vez de enxergar o território como uma simples soma de propriedades individuais, devemos compreendê-lo como um sistema integrado formado por cidades, áreas agrícolas, florestas, rios, infraestrutura, ecossistemas e populações humanas

Email

Enviar

- Conheça
  - Quem Somos
  - Quem foi Maurício Grabois
  - Diretoria
  - Cátedra Claudio Campos
  - Estatuto
  - Centro de Análise da Sociedade Brasileira
  - Cebrach
  - Contato
- Leia
  - Política
  - Economia e Trabalho
  - Brasilidade e Cultura
  - Ciência
  - Sustentabilidade
  - Internacional
  - Socialismo
- Acesse
  - Colunas
  - TV Grabois
  - Revista Princípios

- Clube da Leitura
- Grupos de Pesquisas
- Escola João Amazonas
- Centro de Documentação e memória

Redes Sociais
Fale conosco
Desenvolvido por OKN Technology Agency